



Mundo Verne

La vida y obra de Jules Verne desde la óptica Iberoamericana

2
Novembro
Dezembro
2007

Verne em versão original

As verdadeiras aventuras do capitão Hatteras

*Um francês de visita
a Portugal*

Jean-Michel
em seu tempo

*O farol que ilumina
o fim do mundo*

Um eco que se estende à Ibero América e um pouco mais além...

Ariel Pérez

Passaram dois meses desde o primeiro número e muitas coisas boas ocorreram à "Mundo Verne" neste período.

Em 3 de Setembro, dia em que foi publicada na Internet, o blog de Passepartout fez eco da saída da edição, como também, quase instantaneamente, apareceu a referência à nova revista no blog em português de Frederico Jácome. O portal francófono, Lionel Dupuy, um dos mais renomeados estudiosos de Verne e que vive na sua mesma cidade, lançava palavras elogiosas: "Que trabalho! Vou colocar um link no meu portal!" e fê-lo. Zvi, Jean-Michel, Garnt, Bill e outros activos investigadores vernianos também deram a sua aprovação. Na área ibero-americana também houve repercussão, desde o blog de Álvaro ao site de Cristian, ambos peruanos. No final de Outubro foi mostrada na *De Verniaan*, a revista oficial da Sociedade Holandesa Jules Verne. Em resumo, a MV começou com o pé direito.

Muitos deverão ter achado estranho o facto da revista, apesar de ter saído com um mapa da região ibérica e da América do Sul (que inclui Portugal e Brasil), apenas ter sido editada em espanhol. O mesmo pensou o português Frederico que após dois dias de ter visto a revista me contactou dizendo, e cito as suas palavras: "Reparei, na

capa da revista, que está incluído na parte superior esquerda o mapa sul-americano e ibérico onde se inclui o mapa do Brasil e de Portugal. Foi então que me surgiu uma ideia. Estaria interessado em ter uma edição traduzida para português? Eu, juntamente com outros vernianos faríamos a tradução para a nossa língua e seria uma excelente oportunidade para que todos, na América do Sul (Brasil) e na Ibéria (Portugal), pudessem ler a revista..." Imediatamente respondi que estaria muito agradecido e que, de facto, seria algo maravilhoso poder ter a revista nos dois idiomas. Uma boa quantidade de emails, documentos e correcções (com mensagens em português e em espanhol) se sucederam e para meados de Setembro, uns 10 dias depois do contacto, a edição traduzida, feita em conjunto com Carlos Patricio no Brasil, já estava pronta.

O esforço destes dois amigos não só significa que se publique nos dois idiomas, como também implica que agora contamos com uma verdadeira publicação ibero-americana. *Muito obrigado Fred, muito obrigado Carlos!*

Além disto, a segunda entrega traz como novidade duas novas secções e um revelador e interessante artigo de William Butcher, um dos mais importantes investigadores do tema verniano nos nossos dias

Neste número

3 Universo verniano



A imagem... e semelhança

4

Uma viagem ao extraordinário

5 O farol que ilumina o fim do mundo

Esboços ibero-americanos

8 Um francês de visita a Portugal



Terra Verne



11

As verdadeiras aventuras do capitão Hatteras (1)

À conversa com...

Jean-Michel em seu tempo



16

Sem publicação prévia

Pierre-Jean. Capítulo 2

19

Cartas gaulesas

21

© 2007. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra de Jules Verne.

Edição e desenho: Ariel Pérez.

Comité editorial: Ariel Pérez, Cristian A. Tello, Rafael Ontivero e Yaikel Águila.

Colaboração: Gabriel Apollinaire. Tradução portuguesa: Frederico Jácome (2-10, 14-15) e Carlos Patricio (11-13, 16-18, 21). Distribuição gratuita. Correio electrónico: arielpr@gmail.com.

Internet: <http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>

Reprodução permitida se se citar a fonte.

Manuscritos de Verne viajam ao espaço

Em Janeiro próximo, irá ser lançado desde a base de Kourou, o veículo de transferência automatizado que levará, para além do seu nome, muitos dos seus manuscritos para a estação espacial internacional. Terá uma carta astronómica pintada por Jules Verne, como também uma nota escrita pela sua mão. Esta preciosidade *"a pé necessitaria de 8 anos e 282 dias para chegar à Lua, numa cápsula expressa que circula a 60 Km. por hora chegaria em 9 meses, enquanto que à velocidade da luz, 1 segundo e um quarto seria suficiente"*. Fará igualmente parte desta viagem extraordinária, uma edição ilustrada de **Da Terra à Lua** e de **À Volta da Lua**, e uma reprodução de uma dedicatória de **Viagem ao Centro da Terra** datada de 1881: *"Em frente! Este tem que ser o lema da humanidade"*. A ideia desta magnífica homenagem ao homem que imaginou o ser humano no espaço desde o século XIX e que fez sonhar tantas gerações de leitores, foi do astronauta francês Jean-François Clervoy, e de um dos responsáveis do projecto ATV (*Automated Transfer Vehicle*), Robert Laine.

Jean disse que não há negócio

Filho de Jean, neto de Michel e tetraneto de Jules, Jean Verne esteve presente no mês de Outubro em Orleans, para participar na exposição de uma colecção consagrada ao seu tetravô. Entrevistado para este ocasião pelo jornal periódico local, *La République du Centre* na sua edição de 15 de Outubro, declarou que reparou desde muito cedo na energia dispendida pelo seu avô sobre Jules Verne e foi à idade de 15 anos, devido a uma observação de um seu professor de francês a propósito das suas faltas de ortografia, que se deu conta que devia estar consciente de que era "um Verne".

Ao ser interrogado por este jornal sobre a importância do "negócio Jules Verne", respondeu: *"não existe tal coisa, para começar porque as suas obras estão em domínio público, algo que é muito bom, mas também por que, de maneira muito anedótica... os herdeiros não foram administradores exemplares"*. E concluiu: *"Não defendo uma capitalização (por parte dos descendentes) à volta do nome de uma celebridade. As obras só por si sobrevivem o homem (...)"*.

A propósito da herança intelectual declarou: *"mesmo quando Jules Verne viveu afastado da vida da sociedade, tratou, na sua obra, dos problemas do seu tempo e dos de hoje, notavelmente os ecológicos, os culturais, os negócios, da guerra e até do estrelado. É suficiente para lerem e se convencerem."*

Exposição "Da imaginação à realidade"

Depois de uma tournée triunfal por toda a Espanha no último ano, a exposição "Júlio Verne, da imaginação à realidade" estará presente novamente até ao fim deste mês em Astillero, no norte de Espanha.

Nova versão de 20 000 léguas?

Por ocasião do lançamento do seu novo filme "30 dias de noite", o realizador e produtor americano Sam Raimi (conhecido pelas suas três partes acerca do mítico "Spider-Man"), revelou que tem um projecto para produzir uma nova versão cinematográfica da obra de Verne. Vamos então, esperar ●

Colaborações

William Butcher

wbutcher@netvigator.com
http://home.netvigator.com/~wbutcher/

Já escreveu uns quarenta artigos sobre Verne, a maioria em francês. Publicou, em 2006, "Jules Verne: The definitive biography" que recebeu críticas muito favoráveis. Já colaborou com Michael Crichton para vender 50 000 exemplares por ano.



Cristian Tello

destro777@hotmail.com
http://www.geocities.com/paginaverniana/ctd.htm

Engenheiro peruano, mantém um site sobre Verne desde 2004. É um dos vernianos mais activos na América-latina. Já escreveu artigos e traduziu vários textos do escritor francês.



Frederico Jácome

jverne@portugalmail.pt
http://jgverneportugal.blog.pt

Estudante universitário na faculdade de Ciências do Porto no curso de Astronomia. Vive em Portugal. Mantém desde 2006, o único blog em português na Internet. Além disso, tem um site sobre o escritor francês.



Ariel Pérez

arielpr@gmail.com
http://jgverne.cmact.com

Informático de profissão. Reside em Cuba. Já publicou artigos sobre Verne em vários países. Mantém um site na Internet sobre o escritor desde 2001. Já traduziu vários textos inéditos de Verne para castelhano.





Quanto ao famoso Farol do Fim do Mundo, os comandantes que o procurem agora! Será como se estivessem cegos!



Não tinham ainda dado cem passos quando se deu uma detonação e um corpo, projectado se veio despedaçar no mar

Em **O farol do fim do mundo** estão claramente definidos dois grupos de personagens que protagonizam a eterna luta entre o bem e o mal. Esta característica típica dos romances em folhetim, tem como defeito mais notório, a apresentação pobre de um perfil psicológico, como acontece nos heróis e vilões.

Apesar desta simplificação esquemática, pode-se encontrar na obra alguns personagens individualizados que têm um carácter notavelmente desenvolvido. Destacam-se Kongre e Vasquez e, em menor medida, John Davis e Carcante.

Verne não oferece uma descrição espiritual dos seus protagonistas principais, porém mostra uma forma impressionista de escassa profundidade, descrevendo certos caracteres relativamente complexos que escapam ao estereotipo.

Talvez a personalidade mais conseguida e mais atractiva seja a de Kongre, o cruel pirata a quem o veterano e valente guarda Vasquez deverá enfrentar na solidão da Ilha dos Estados. A sua situação de marginal e condenado a um

destino fatal, dá-lhe novas características que vão mais além de uma simples caracterização do malvado.

Na obstinação com que Kongre enfrenta o destino que o persegue e atormenta, há uma dimensão de rebeldia pura de um homem que não se rende perante o sistema que o excluiu. Adquire assim o perfil de um herói anarquista e desesperado onde o suicídio final sobressai marcadamente.

“Em relação a Kongre, o chefe do grupo, ignorava-se tudo sobre a sua vida. Nunca se pronunciara acerca da sua nacionalidade. Era um verdadeiro bandido desonrado pela prática de todo o tipo de crimes”.

Estas são as palavras com que Verne descreve literalmente o seu vilão. E apesar das notas depreciativas com que o autor o apresenta, satânico e cruel, o mistério da sua personalidade e a sua própria frustração são, sem dúvida, as características que mais o realçam e que fazem de Kongre o personagem mais interessante da obra.

O farol que ilumina o fim do mundo

Cristian A. Tello

A história do farol

O farol de São João de Salvamento encontra-se a noroeste da ilha dos Estados, no departamento de Ushuaia, na província argentina da Terra do Fogo. Foi construído no ano de 1884 e funcionou até 1899, sendo naquela época a única luz que os navegantes tinham no mar austral.

Também era a última referência antes do desconhecido: a Antártida. Jules Verne inspirou-se nele para escrever, já no final da sua vida, a versão original da sua obra **O farol do fim do mundo**. Tudo indica que o autor conhecia a zona, pois terá lido e ouvido os relatos dos viajantes, deixando-se voar na fantasia a partir dos mapas da época.

A construção original permaneceu em ruínas durante muitas décadas, mas em 1997 foi reconstruído e as peças originais encontram-se actualmente exibidas numa réplica localizada no Museu Marítimo de Ushuaia. É uma casa octogonal, baixa, que se encontra sobre um proeminente rochedo, com a lanterna no seu tecto, e em cujos lados se encontram grandes janelas de vidro por donde emergia a luz, proporcionada por oito lâmpadas de petróleo. Nos nossos dias, existem outros mais austrais, mas a obra de Verne immortalizou o nome de "farol do fim do mundo" para o de São João de Salvamento, sendo na sua época o que se encontrava mais a sul do planeta.

Características e estrutura da obra.

O farol do fim do mundo foi publicada no *Magasin d'Éducation et de Récréation*, de Agosto a Dezembro de 1905, ano da morte de Verne. Foi escrita em 1901, pois o escritor francês levava varias obras adiantadas devido à ordem de entrega das suas publicações. É um dos melhores relatos da última etapa literária de Verne e, como é frequente neste período, os elementos realistas pre-



Réplica do farol na mesma escala, no Museu Marítimo de Ushuaia.

domina a ficção fantástica.

A diferença da maioria das Viagens Extraordinárias é que, em algumas, não predomina uma viagem como fio condutor da acção, e neste caso, a ilha dos Estados converte-se numa prisão de solidão e desolação e é o mar, um muro intransponível, que evita a fuga dos piratas do bando de Kongre.

Deve-se recordar que **O farol do fim do mundo** foi a primeira obra modificada por Michel, o filho de Jules, logo depois da morte de seu pai, apesar de a diferença entre ambos os textos não ser considerável. Depois de acaloradas discussões entre Hetzel filho e Michel, este aceita corrigir o manuscrito original da historia, com o objectivo de melhorar a obra e torná-la mais atractiva, trabalho que fez em apenas um mês e meio, começando por ser publicada, por capítulos, a partir de

Agosto desse ano. Foi dividida em duas partes, a primeira com oito capítulos e a segunda com sete.

O argumento

No local mais distante e austral da Terra do Fogo, onde confluem ambos oceanos, o Atlântico e o Pacífico, encontra-se a ilha dos Estados. Havia dois anos que aquelas remotas paragens se haviam convertido no refúgio ideal de um bando de quinze piratas às ordens de Kongre, seu temível chefe, que, junto com os seus comparsas, fugia de vários delitos e crimes. Tinham seleccionado o lugar não só pelo seu isolamento, mas também porque sabiam que lá ocorriam constantes naufrágios. Mas, apesar de serem bons navegantes, não conseguiram evitar a catástrofe da sua embarcação quando esta foi destruída ao ser arrastada contra as rochas da ilha. Ao verem-se obrigados a ficar em terra, decidiram permanecer na costa afim de assaltar os barcos naufragados que atraíam, logo depois de assassinar os sobreviventes.

O bando de Kongre vinha acumulando riqueza e esperava a oportunidade de capturar um barco em boas condições para escapar. A situação dos piratas mudaria quando, em Outubro de 1858, aportou



O actual farol do fim do mundo em Ushuaia, na Patagónia, Argentina

o Santa Fé da marinha argentina. A chegada do navio correspondeu à preocupação do governo em impedir os naufrágios na zona tendo sido decidido a construção de um farol.

Ninguém suspeitou da presença dos piratas durante os trabalhos da sua construção visto que se refugiaram na extremidade ocidental da ilha.

Ficou encomendado a sua guarda a três homens argentinos: Vasquez, Moriz e Felipe, que deviam cumprir com a sua responsabilidade durante três meses, tempo em que se enviariam novos homens para os substituírem.

Depois da partida do Santa Fé, a 10 de Dezembro, começaram os problemas para Vasquez, o chefe dos faroleiros. Kongre e os seus homens, depois de tomarem posse do Maule, um barco chileno naufragado noutra zona da ilha, decidem reparar os danos do navio, assassinar os faroleiros com a intenção de se apropriarem do farol e pô-lo fora de serviço, afim de continuar com os seus actos de pilhagem.

Kongre combina junto com Carcante, o número dois do bando, presentear o Maule como o primeiro barco que o farol podia auxiliar. Como a embarcação se aproximou do farol, Felipe e Moriz sobem a bordo para darem as boas-vindas, porém são surpreendidos pelos piratas que os assassinam sem compaixão. Apenas Vasquez sobrevive, depois de presenciar este facto, e tentará sobreviver escondido numa caverna com o risco de ser descoberto.

Com o passar dos dias, Kongre e

o seu bando comprovam que escapar da ilha dos Estados não será tarefa fácil e descobrem que o Maule apresentava avarias mais sérias do que as que pensavam. Além disso, as condições do tempo não se mostravam favoráveis para zarpar. A Vasquez, que via com ira como os piratas se iam enriquecendo com os naufrágios de outros barcos, só lhe ocorria enfrentá-los, impedindo que eles pudessem fugir até à chegada do barco que traria os outros guardas.

No dia 18 de Fevereiro, Vasquez presencia o naufrágio do Century, um barco norte-americano que termina destruído ao não observar a luz do farol.

Apesar do seu esforço, Vasquez só consegue resgatar com vida John Davis, o imediato, que se converterá em seu companheiro ideal para enfrentar os piratas.

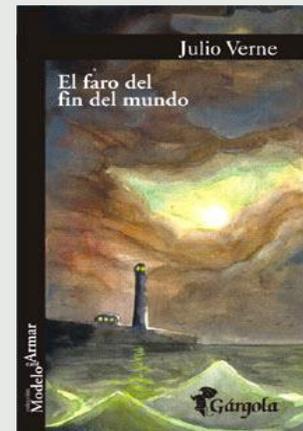
No confronto que se segue, debate-se a desesperada luta pela liberdade de Kongre e seu bando, com a tenacidade e o heroísmo destes homens, com quem se aliaram os elementos da Natureza e o implacável decorrer do tempo.

Em resumo, uma interessante obra sobre um tema pouco explorado, apesar de Verne o ter feito, mas ainda actual hoje em dia.

Capas das edições francesas



Capas das edições castelhanas



Os personagens da obra

- Vasquez. Argentino, quarenta e sete anos. Guarda-chefe do farol.
- Felipe. Argentino, quarenta anos. Guarda do farol.
- Moriz. Argentino, trinta e sete anos. Guarda do farol.
- Lafayate. Argentino. Comandante do aviso Santa Fé.
- Riegal. Segundo comandante do aviso Santa Fé.
- John Davis. Norte-americano. Naufrago do Century. Companheiro de Vasquez.
- Kongre. Chefe do bando de quinze piratas instalado na ilha dos Estados.
- Carcante. Chileno. O número dois do grupo.
- Vargas. Chileno. Carpinteiro do bando.

O filme

O argumento do filme difere um pouco do original da obra quanto ao nome dos personagens e à história. Kongre (interpretado por Yul Brynner) e o seu bando assaltam um farol situado numa ilha rochosa e matam todos que lá se encontram, excepto um, Will (Kirk Douglas), que consegue escapar. O plano de Kongre consiste em apagar a luz do farol e esperar que algum barco naufrague para o pilhar e roubar. Will tentará impedir que os piratas sigam com o seu plano. Um barco encalha na ilha e Arabella (Samantha Eggar), uma jovem que consegue sobreviver à matança, ajudará também a acabar com os piratas. A favor da versão cinematográfica tenho que assinalar a boa escolha de actores para o filme.

Bibliografía

- El faro del fin del mundo. Aula de Literatura. Editorial Vicens Vives, Barcelona, 1995.
- Ariel Pérez. La autenticidad de las últimas novelas vernianas. El faro del fin del mundo. Disponível em: <http://jgverne.cmaact.com/Articulos/Autenticidad.htm>.
- Dennis Kytasaari. Les Voyages Extraordinaires. Le Phare du bout du monde. Disponível em: <http://epguides.com/djk/JulesVerne/works.shtml>
- Diario Tiempo Fuego. La luz del fin del mundo. Disponível em: <http://www.tiempofuego.com.ar/main/modules.php?name=News&file=article&sid=1138>
- Wikipédia. Faro del Fin del Mundo. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Faro_del_Fin_del_Mundo

Uma obra, dois escritores e outras ideias

Ariel Pérez

Entre os romances póstumos de Jules esquece-se muitas vezes de **O farol do fim do mundo**. Este foi a primeira modificação por Michel, apesar que a diferença entre ambos os textos não ser assim tão grande. Aliás, a Sociedade Jules Verne não editou a versão original pois, à primeira vista, o texto impresso parecia idêntico ao do manuscrito.

Jules Verne escreveu esta obra, de um tema um pouco sombrio, no ano de 1901 em apenas dois meses, logo depois de ter escrito dois romances de humor: **O Piloto do Danúbio** e **A caça ao meteoro**. A história relativa ao farol resulta de um trágico relato e desenrola-se em 1860 logo depois da sua construção na ilha dos Estados.

Raras vezes o francês escreveu em todas as suas obra sobre semelhantes actos de pilhagem ou bandos de piratas assassinos, sem fé nem lei.

Jules que tinha terminado as correcções da sua obra e que pensava estar prevista ser publicada, escreve a Hetzel filho um mês antes da sua morte, onde lhe diz: “Enviar-lhe-ei, brevemente, o novo manuscrito. Não será o que lhe falei,

O Invisível, mas sim O farol do fim do mundo, na última ponta da Terra do Fogo.” Logo depois da morte de Verne, Hetzel filho –que tinha o manuscrito em seu poder– considera-se com o direito de publicar o livro ao qual Michel se nega e o contesta:

“Você nega-se simplesmente a entregar-me o que me pertence.” Depois de penosas discussões e com a intervenção dos advogados, Michel aceita, em Julho de 1905, corrigir as provas de **O farol do fim do mundo**, com o objectivo de melhorar a obra e torná-la mais atractiva, algo que fez em apenas um mês e meio, uma vez que começaria a aparecer na revista *Magasin d'Éducation et de Récréation* a partir de 15 de Agosto desse próprio ano.

Entre as ligeiras modificações que Michel fez ao texto original, figura a eliminação dos contínuos e inúteis *et* (*e*) no início dos parágrafos.

Michel também corta algumas orações no texto e suprime, também, numa das cenas da história, as lágrimas de Vasquez e as suas pre-

ces a Deus, que no texto original são necessárias para contrapor com os apelos ao Diabo proferidos pelos bandidos.

Michel acrescenta um episódio ao capítulo XIII com o objectivo de intensificar a acção. Aí descreve uma acção heróica de Vasquez: fazer saltar o leme da escuna dos bandidos com um cartucho da sua invenção. Como

algo curioso há que apontar que Verne esquece, como Paganel em **Os filhos do capitão Grant**, que os brasileiros falam português. O filho de Jules modifica esta frase sem dar conta do erro do seu pai ●



Um francês de visita a Portugal

Frederico Jácome

Esboços iberoamericanos

Jules Verne é um dos grandes nomes da literatura mundial. A sua obra é vastíssima mas em nada se compara com as dimensões da imaginação que, certamente vai despertar, na mente de quem o ler. Tendo um livro em sua mão, o leitor vai a todos os confins do mundo conhecido e desconhecido e até aos outros astros. As **Viagens Extraordinárias** ocorrem em todos os continentes e em todos os oceanos, nos pólos, nos desertos, nas florestas, no fundo dos mares, nas profundezas da Terra, com todas as raças e com copiosa documentação geográfica, histórica, científica, histórico-natural e linguística. É fundamental que nestas obras se incluam características fortes nas personagens centrais. São em geral nobres, intrépidas, simpáticas, por vezes extravagantes, e em todas elas transcende um fundo de humanidade, de amor ao próximo, de desprezo pela própria vida.

As qualidades e defeitos que classicamente se atribuem aos vários povos, são sempre aproveitados e realçados, nos livros de Verne, sendo evidente a sua filtragem pela mente de um francês. Por exemplo, os franceses são os mais nobres, mais intrépidos, os mais valorosos. Por outro lado, Verne refere-se repetidas vezes aos portugueses mas nem sempre com justiça. Atribuímos a culpa de crimes de escravatura numa época em que Portugal já tinha há muito libertado os escravos e perseguia o tráfico de negros em toda a África, fazendo guerra aos mercadores de escravos e aos navios que se serviam, entre os quais se contavam navios franceses. É também de lamentar que Verne, omitisse os portugueses numa lista de exploradores do interior da África, e que deixasse que uma personagem

sua falasse d'Os Lusíadas como uma obra da literatura espanhola, jogando com o lugar-comum da rivalidade cultural luso-castelhana.

Porém, o seu conhecimento da história das navegações portuguesas, transparece visivelmente nas obras **As Grandes Viagens e os Grandes Viajantes** e **Cristóvão Colombo**, e isso é de realçar. São referidos bastantes navegadores portugueses como Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Tristão Vaz Teixeira, Diogo Cão, João Gonçalves Zarco, os seus feitos, como é o caso do caminho marítimo para a Índia e a passagem pelo Cabo da Boa Esperança, a descoberta das ilhas da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde, e também o papel preponderante da casa real portuguesa nas descobertas feitas pelos navegadores portugueses.

É também de louvar outras referências ao nosso país como ao nosso povo. É o caso, por exemplo, da personagem central da obra **A Aldeia Aérea**, um português de nome Urda; em **A volta ao mundo em 80 dias** onde Passepartout se encontrou, em Singapura, com numerosos passageiros «indianos, senegaleses, chineses, malaios e portugueses que, na sua maior parte, ocupavam camarotes de segunda»; e em **Um Capitão de quinze anos** onde Verne dá a nacionalidade portuguesa ao cozinheiro do Pilgrim e refere um encontro da senhora Weldon e seus companheiros com uma caravana de honestos comerciantes portugueses.

Referente ao país, este é mencionado em pelo menos três obras. São elas *Da Terra à Lua* onde Portugal é referido como um dos países que apoiam economicamente (30 000 cruzados) o projecto dos membros do Gun-Club; **O Raio Verde**

onde as personagens mencionam Portugal como um dos destinos para se instalarem a beira-mar afim de observarem a despedida do sol, e, em *20000 Léguas Submarinas* quando o temível Nautilus passa por águas portuguesas na sua errática e violenta saga submarina.

A agência Thompson & C.^a

Para além destas referências a Portugal e aos portugueses, é de citar a obra, **A Agência Thompson & C.^a**, onde Verne (Jules ou Michel) fala sobre Portugal mais especificamente dos Açores (Faial, Terceira e S. Miguel), Cabo Verde e da Ilha da Madeira, onde a influência portuguesa se faz presente. Deve-se recordar que este livro foi publicado dois anos depois da morte do gaules. Claro que seria viável aviltar ser uma obra póstuma, com base num manuscrito original, mas neste particular caso, o argumento carece de credibilidade, devido à comprovada



Capa da obra "A Agência Thompson & C.^a". A edição é de 1979 da Bertrand, com tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis.

inexistência do respectivo manuscrito alegadamente atribuído ao prolífico novelista. Por isso muito se discute se terá sido escrito por Jules ou pelo seu filho Michel. O que não há dúvida, é que foi escrito por um Verne!

Esta obra, que em Portugal apenas se pode encontrar em alfarrabistas, narra uma excursão num barco fretado por uma agência inglesa, com destino aos arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias. Sabe-se que o pai Verne visitou Portugal continental mas, como também o filho, nunca visitou as ilhas. Por essa razão, entende-se que o autor terá ido buscar informações a livros e notas de viajantes.

Achei particularmente complexa a descrição toponímica dos Açores. No Faial, é de salientar a excessiva ironia do autor apontando que “As casas que bordam a rua da Horta não oferecem interesse suficiente para que a alma despreza as dores do corpo. Grosseiramente construídas, com paredes de lava de grande espessura, a fim de melhor resistirem aos tremores de terra, seriam o que há de mais banal se não fora a extrema porcaria que lhes dá certa originalidade. O rés-do-chão destas casas é geralmente ocupado quer por cavalariças, quer por estábulos. Os andares superiores, reservados aos habitantes, enchem-se, graças ao calor e à vizinhança dos estábulos, dos aromas mais aborrecidos e dos insectos mais ignóbeis.” Encontra-se aqui e além, vários deslizos topográficos, como também certos exa-geros como é o caso dos excursionistas que foram “perseguidos pela obsessão dos sinos eternamente agitados, e nas ruas estreitas e sujas passeavam com desenvoltura porcos enormes na sua grande maioria.”

As duas visitas a Portugal.

O autor das Viagens Extraordiná-

rias felicitou-nos com a sua visita a Portugal por duas ocasiões, em 1878 e 1884. Chega pela primeira vez ao nosso país, a 5 de Junho de 1878 (faz cento e trinta anos em 2008), com o seu iate Saint-Michel III. Veio acompanhado com o seu irmão Paul, com o editor Jules Hetzel Filho e com o amigo e ex-deputado Raul Duval. Já em Lisboa, aproveitou a manhã para visitar o consulado francês e a Igreja de São Roque, e depois de almoço, encontrou-se com David Corazzi (editor dos seus livros em Portugal através das “Horas Românticas”) no seu escritório. Ao final da tarde, foram todos jantar ao famoso Grand Hotel Central sito na Praça do Duque da Terceira (Cais do Sodré) em Lisboa.



Grand Hotel Central, na Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré), Lisboa.

Após o jantar, e por convite de Corazzi, assistiram à representação de uma zarzuela nos “Recreios Whittoyne”.

No dia seguinte, os seus companheiros de viagem foram a Sintra, ao contrário de Verne, que aproveitou para descansar no beliche do seu iate. Da parte da tarde, o autor aproveitou para apreciar a velha cidade

que se manteve após o terramoto de 1755, Visitou a Torre de Belém e os Jerónimos para depois ter um encontro com os jornalistas no hotel.

O escritor Pinheiro Chagas deixou-nos as impressões da entrevista que teve com Júlio Verne, num artigo que, no dia 7 de Junho publicou no “Diário da Manhã”, onde era redactor principal: “Esteve em Lisboa ontem e anteontem este eminente escritor, um dos romancistas mais originais do nosso tempo, o homem que entrou com a luz da ciência nos domínios da imaginação, e soube encontrar, nessas minas tão exploradas, novos veios de uma poderosa riqueza dramática, de um interesse vivíssimo, de um encanto inexcelável.[...] Foi à porta do Hotel Central que o cumprimentámos. Encontramos um homem extremamente afável, de aparência profundamente simpática, as barbas que foram loiras, já um pouco grisalhas, olhar vivo, claro e inteligente. Mostrou pelo nosso país a mais perfeita boa vontade, falou modestamente de si e contou que trabalhava agora no seu Capitaine de quinze ans.[...]”

À noite, jantaram novamente no hotel, mas agora com a companhia de célebres escritores portugueses. Por volta da meia-noite voltou a bordo do seu iate, onde pernitoou pela segunda vez. Partiu para Cádiz às 6 h de sexta-feira, dia 7 de Junho.

Anos mais tarde, no dia 22 de Maio de 1884, Verne volta a Portugal no mesmo iate, num cruzeiro que o levará a Roma onde será recebido pelo papa Leão XIII. Desta vez, em resultado de uma avaria no motor, o Saint-Michel III demora-se em Vigo e chega a Lisboa a meio da tarde. Verne nesse dia aproveitou apenas para tratar de assuntos referentes à sua viagem e para visitar as corvetas “Vasco da Gama” e “África” atracados no porto da capital.

No dia seguinte, aproveitou a manhã para visitar novamente David Corazzi no seu escritório e para

reabastecer o seu iate com carvão e óleo. Almoçou e ao final da tarde, aproveitou para se encontrar de novo com celebridades portuguesas agora no antigo "Hotel Braganza". Estes fizeram saber a Verne que Eça de Queiróz (1845-1900), uma figura do maior prestígio nas letras portuguesas, no seu célebre romance "O Mandarim" teria feito a descrição da cidade de Pequim, e da China, baseando-se em elementos colhidos da leitura de Atribuições de um chinês na China. Nesse mesmo jantar, um célebre pintor português, Columbano Bordalo Pinheiro, ofereceu-lhe um esplêndido prato de louça das Caldas da Rainha, representando um lagarto e outros animais.

Esta curta estadia inspirou um jornalista (Rafael Bordalo Pinheiro) a apresentar, no jornal "António Maria", a caricatura de Jules Verne com o seguinte texto: "Júlio Verne o ilustre escritor francês, chegou a Lisboa, jantou com David Corazzi e com outros convidados daquele editor, entre eles este seu criado. Só andando com esta pressa, pode fazer viagens à Lua no tempo que qualquer gasta

em ir à Porcalhota (antigo nome da Amadora) comer coelho guisado. Que tanto ele como seu irmão Paul, façam boa viagem aos antípodas em 1 hora e $\frac{3}{4}$ e que se voltarem a Lisboa se demorem mais um bocadinho para lhe mostrarmos o jardim da Europa à beira mar plantado."

Após o jantar foram todos ao teatro e por volta das 23.30h Verne despediu-se e voltou ao seu iate onde pernoitou mais uma vez. Às 6h da manhã de Sábado, dia 24 de Maio, o Saint-



Hotel Braganza, nº45 na Rua Vitor Cordon, Lisboa.

Michel III rumou a Gibraltar. Infelizmente Verne não tornou a voltar ao nosso país por motivos de saúde.

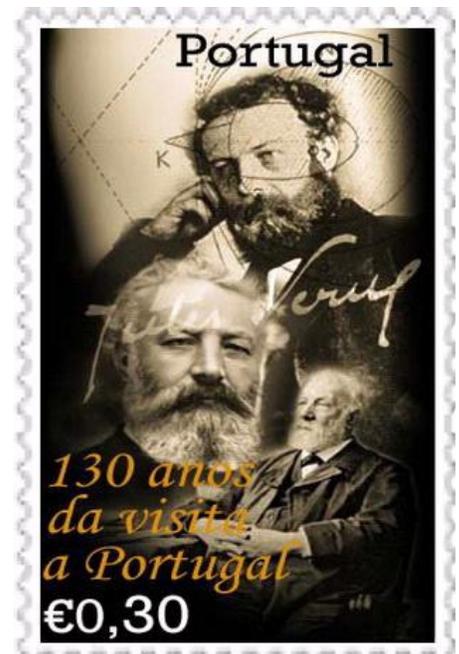
Porque não uma homenagem em Lisboa?

Resumindo, o escritor visitou-nos duas vezes, parando no caminho em Vigo, onde se fez uma homenagem (deveu-se à referência da baía de Vigo em 20000 Léguas Submarinas), e permaneceu, em cada uma delas, três dias onde visitou a cidade e jantou com altas celebridades da época. Além disso, como também citei atrás, são várias as referências a Portugal e aos portugueses em algumas das suas obras, e por isso me pergunto o porquê de ainda não se ter feito nenhuma homenagem ao autor na cidade de Lisboa, cidade que Verne "mostrou a mais perfeita boa vontade"!

Tenho feito todos os esforços possíveis para que este autor seja, para o ano aquando do 130º aniversário (1878-2008) da sua primeira visita ao nosso país, homenageado com um monumento na nossa cidade afim de lembrar tal visita.

Já escrevi em várias revistas, blog's, enviei email's para o Sr. Presidente da Câmara de Lisboa e até sugeri um selo denominado "130 anos da visita de Verne a Portugal" num concurso dos CTT (correios de Portugal) onde se pretendia seleccionar um tema para o próximo ano.

Parece que os responsáveis da avaliação nos correios gostaram da ideia. Noticiaram-me que foi aceite e serão feitos, numa primeira fase, uma quantidade de vinte e cinco selos, sem dúvida, um número reduzido.



Proposta inicial do selo aos CTT com o tema "130 anos da visita de Verne a Portugal".

Fica a esperança que alguém com poderes autárquicos ou financeiros leia este artigo e nos ajude na promoção de uma homenagem a este escritor que tanto enalteceu os descobridores portugueses e a nossa pátria.



Página do "António Maria" de 29 de Maio de 1884.

As verdadeiras aventuras do capitão Hatteras (1ª parte)

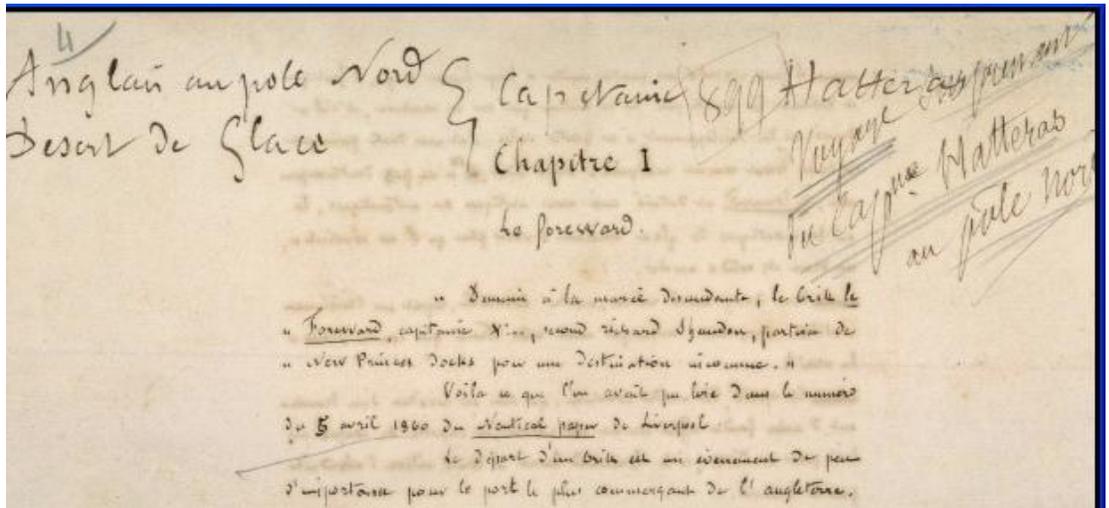
William Butcher

Hatteras é o primeiro romance de Verne escrito sob a supervisão de Hetzel; da mesma forma, constitui a novela mais alterada por este¹. Enquanto já se publicou um grande número de estudos sobre os cinco parágrafos da morte de Hatteras e as poucas linhas que terminam a história, nunca se havia estudado

os 99,5 % restantes do manuscrito². Portanto, nunca se suspeitou a existência de um episódio maior, importante para o enredo, mas brutalmente mutilado. É uma falta que assombra, pois sua existência é sugerida na correspondência entre os dois, bastando apenas um olhar mais atento para encontrá-la. Se estende por mais de um capítulo

1 O presente estudo, que é uma versão revisada de Verne en versión original: *Les véridiques aventures du capitaine Hatteras*, contida em *Jules Verne cent ans après*, editada por Jean-Pierre Picot e Christian Robin, por Terre de Brume, em 2005, pp. 35-51, não tem a pretensão de ser completo. Baseia-se essencialmente sobre uma transcrição dos capítulos I I e II XXI-XXVII e da visão geral da primeira parte do manuscrito. Gostaria de agradecer a Christian Robin que me brindou com uma ajuda preciosa na compreensão do manuscrito e, também, à Srta. Agnès Marcetteau e à cidade de Nantes, pela amabilidade de facilitar o acesso ao manuscrito que ali se encontra, sob o número B 141 (Catálogo dos manuscritos de Jules Verne, Nantes, 1988).

2 É notório, como mostrou o estudo de Daniel Compère (*Un Voyage imaginaire de Jules Verne: Voyage au centre de la Terre*, publicado em *Lettres modernes*, coleção "Archives", em 1977, pp. 21-24), que o capitão do manuscrito acaba por lançar-se à cratera do vulcão.



Fotocópia do manuscrito original do romance, onde se vêem, à esquerda o título de cada uma das partes, o começo do primeiro capítulo e as notas do tipógrafo à direita.

e parece ser a seção perdida mais importante de todas as "Viagens Extraordinárias".

A compreensão e a avaliação das diferenças entre o manuscrito e as edições das viagens e aventuras do Capitão Hatteras é complexa. Além disso, existem importantes variações entre as três edições principais: a do *Magasin d'éducation et de récréation*, a edição in-18 de 1866 e a edição ilustrada in-8 do mesmo ano. Hetzel e Verne experimentaram aqui o mecanismo de trabalho em dupla e puseram à prova, até quase à destruição, seus respectivos papéis. Não obstante, nesse estudo, por motivos de espaço, me limitarei a um só manuscrito, sem aventurar-me no labirinto - muito atrativo, sem dúvidas - das variações entre as diversas edições.

Quatro cartas nos informam sobre a criação do romance. Seu primeiro volume foi composto no final da primavera de 1863 (26 de junho de 63³), seu segundo, no ou-

3 A correspondência entre Verne e Hetzel, utilizo um sistema abreviado, sem outra indicação; uma segunda referência ao mesmo ano aparecerá simplesmente como «26 de junho».

tono, talvez durante o inverno (4 de setembro). Verne realça a idéia de Hetzel de fazer um francês acompanhar Hatteras, mas escreve: "aprovo de bom grado seu comentário relativo a Hatteras, vou fazê-lo muito ousado e afortunado. Sua audácia será de se temer" (16 de setembro). De fato, um parágrafo que critica o capitão aparece apenas na versão manuscrita: "Até aqui o êxito fôra completamente fortuito, uma invenção fatalidade; a sorte que acompanha os franceses estava escrita em sua fronte, e ele era por tal conhecido em todos os portos do Reino Unido" (I XII 52)⁴.

4 Ao citar as referências ao manuscrito, utilizo uma forma abreviada: «I XII 52» (primeira parte, capítulo XII, p. 52), seguindo a paginação de Verne, ou, se se trata de uma segunda citação, simplesmente «53». Quando o número do capítulo das edições Hetzel muda, o indico de igual forma, em último lugar da seguinte forma: «II XXVI 107 XXVII». No caso das citações a Hatteras, o número romano indica o texto presente apenas no manuscrito; o sublinhado, o que está unicamente no livro; em *itálico*, o comum aos dois. Como consequência desta forma alterna romano/itálica/sublinhado, há a abstração da itálica no manuscrito e no livro. O texto eliminado do manuscrito se indica como tal. O texto ilegível aparece como xxx.

A carta final é crucial para compreender-se de vez a intenção literária de Verne e sua submissão a vontade do editor:

“Penso, depois de ter lido sua carta, que aprovas a loucura e o final. Estou muito feliz, pois isto era o que mais me preocupava, não vejo outra forma de terminar... evidentemente, esse homem deve morrer no Pólo. O vulcão é a única tumba digna dele. /... nos referimos ao quinto ato” (25 de abril de 1864).

O manuscrito

Só se conhece um manuscrito de *Hatteras*. Seu primeiro volume, cuja redação é anterior a setembro de 1863, foi feito com a caligrafia romana utilizada por Verne para as cópias limpas⁵, destacando-se aqui, de forma excepcional, uma margem dos dois lados do texto, com correções intercaladas entre as linhas. Se intitula «*Capitaine Hatteras*», precedido de um colchete que reúne os títulos das duas partes do volume: «*Anglais au Pole Nord / Désert de glace*»⁶ (I I). Não obstante, o tipógrafo adiciona à margem, em itálico e sublinhado três vezes em azul: «*Voyage surprenant du capitaine Hatteras au pôle Nord*»⁷ (I I). O capítulo «*Une variante*»⁸ (I IX) se

5 Assim denominamos a cópia de um manuscrito em seu estado final. Verne fazia várias cópias de seus manuscritos em reiteradas ocasiões, e, nesse caso, o autor do artigo se refere a um tipo de cópia já ordenada, revisada e corrigida em grau máximo. (N. do T.)

6 Ao longo do artigo aparecerão termos em francês que serão traduzidos para o português e se situarão como notas de pé-de-página, mas é bom deixar claro que se traduzirá a partir do fragmento de texto em questão. Assim, a palavra não corresponde necessariamente àquela encontrada em publicações oficiais da obra. Para o caso desta nota, o significado é: “Os Ingleses no Pólo Norte” e “O Deserto de Gelo”. (N. do T.)

7 “Viagem surpreendente do Capitão Hatteras ao Pólo Norte” (N. do T.). A partir de agora, todas as referências a tradução de termos franceses deverão ser tomadas como nota do tradutor.

8 Uma mudança.

chamará, no livro, «*Une nouvelle*»⁹.

O segundo volume foi escrito sobre um único verso de folha, com uma caligrafia menos cuidadosa. A numeração das páginas por Verne (1-107) está em negro, no centro da página. Uma nova numeração (1-108) em caryon azul se vê à margem, que ocupa agora a metade da página, alternadamente à direita e à esquerda. Observa-se sobre estas páginas um grande número de supressões e correções, aparentemente todas em vermelho, sem dúvida realizadas em três momentos sucessivos, algumas entre linhas, mas em sua grande maioria, marginais. Ainda que o texto seja muito diferente do utilizado nas edições, ele parece ter servido para a impressão, se nos guiarmos pelas indicações das provas de imprensa que se fizeram para os dois volumes.

Esta parte se intitula «*Les Robinsons du pôle : Aventures du Capitaine Hatteras*»¹⁰ (II 1), da mesma mão do tipógrafo. Tem, como a versão do *Magasin*, 26 capítulos, a maioria deles com títulos mudados, quando não o próprio conteúdo. Assim, em primeiro lugar, o capítulo II IX se chama inicialmente «*Les grands froids*»¹¹; o XII, «*Les cinq ours*»¹²; o XIII, «*Une mine ingénieuse défense électrique*»¹³; o XV, «*La revanche d'Altamont Arcadie boréale*»¹⁴; o XVI, «*La quite revanche d'Altamont*»¹⁵ e o título e o conteúdo dos capítulos seguintes se confundem uns com outros nas edições Hetzel. A razão é a grande quantidade de modificações de detalhes feitas entre a publicação do *Magasin* e a edição em in-18, principalmente o corte das muitas brigas entre Alta-

9 Uma notícia.

10 Os Robinsons do Pólo: Aventuras do Capitão Hatteras.

11 Os grandes frios.

12 Os cinco ossos.

13 Uma mina engenhosa defesa elétrica.

14 ELA desforra de Altamont Arcádia Boreal.

15 A livre desforra de Altamont.

Cronologia

26 de junho de 1863: «Dentro de uma quinzena, enviarei a primeira parte de *Voyage au Pôle Nord*»

4 de setembro: «Trabalho no segundo volume»

10 de setembro: Verne corrige as provas de impressão de uma parte do CH I

16 de setembro: Verne aceita uma sugestão de Hetzel quanto ao caráter de Hatteras, mas propõe outra e quer introduzir «um francês na tripulação»

20 de março de 1864: CH I no *Magasin d'Éducation et Recréation* (até 2 de fevereiro de 1865)

Abril: correção das provas dos rascunhos de II

25 de abril: «Penso, depois de ter lido sua carta, que aprovas a loucura e o final. Evidentemente, esse homem deve morrer no Pólo.»

5 de março de 1865: CH II no *Magasin d'Éducation et Recréation* (até 5 de dezembro)

4 de maio de 1866: edição em in-18

26 de novembro: edição em in-8°

mont e Hatteras, bem como o desenvolvimento de várias cenas. Porém, como o objetivo do presente estudo é o de analisar certos aspectos do próprio manuscrito, recomendo ao leitor a análise mais completa realizada na publicação crítica de *Hatteras* pela OUP¹⁶.

Em segundo lugar, vêm as variantes que envolvem o manuscrito e a *Magasin*. Desta forma, o capítulo II XXI, «*John Bull et Jonathan*»¹⁷, está ausente de todas as edições, e o XX se intitula «*L'océan polaire*»¹⁸, em vez do definitivo «*La mer libre*»¹⁹. O XXII se chama, aqui, «*L'approche du pôle nord*»²⁰; o XXIII, «*Le pavillon*

16 «Introdução», «Nota sobre a tradução» e «Notas de interesse» de William Butcher, em *The adventures of Captain Hatteras*, traduzida pelo próprio autor (Oxford : Oxford University Press, 2005).

17 John Bull e Jonathan.

18 O Oceano Polar.

19 O Mar Aberto.

20 As cercanias do Pólo Norte.

d'Angleterre»²¹; o XXIV, «Leçon de cosmographie polaire»²² e o XXV, «Le Mont Hatteras»²³. Os capítulos XXI, XXII e XXVI, em parte extirpados em versões posteriores, estarão presentes depois. O capítulo final, «276-Le retour / Le Hans Christien»²⁴, corresponde, finalmente, nas versões posteriores, ao XXV, «Retour au sud»²⁵ e ao XXVI, «Conclusion»²⁶. O «7» eliminado implica que o capítulo XXVI original desapareceu entre as correções do manuscrito.

No que concerne ao texto se observam numerosas mudanças, a ortografia dos nomes próprios em particular. «Louiadiade» aparecia, por exemplo, no lugar do «Louisiane» publicado e «Douall Stuart» no lugar de «Doual Stuart» (na realidade John McDouall Stuart, 1815-1866). Desde o primeiro capítulo, o manuscrito contém o capitão «X» (por exemplo, 1) no lugar de «K. Z.»; «le Foreward [sic]»²⁷ (por toda parte); «Master Harvey Johnson» (até o capítulo I XIX, seguido de «Johnson» até o final da novela). O autêntico «Liverpool Herald» é, em sua origem, o «Nautical Paper»²⁸. O desejo primitivo de Clawbonny é «surpreender [as tribos distantes] no exercício de sua funções» (I III 18), com um humor escatológico; o animal de Gévaudan avistado pelos marinheiros, com trin-

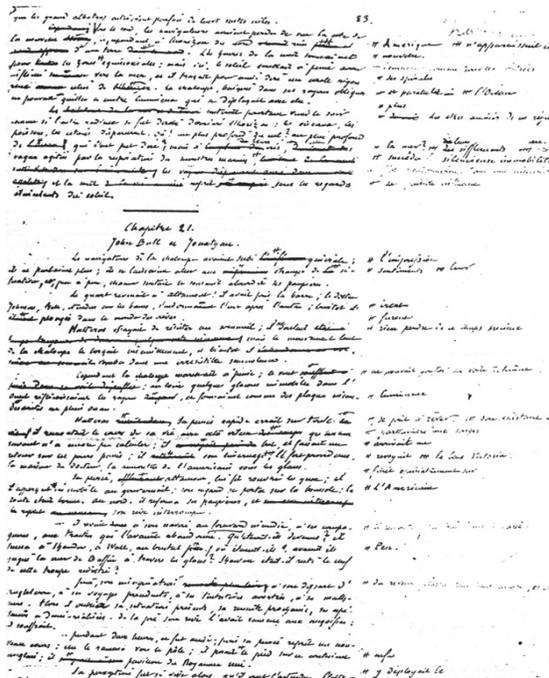
ta pés de comprimento²⁹.

Os especialistas têm comentado frequentemente sobre a «veuve [de] vingt-six ans»³⁰ (II X 41), porque o próprio autor se casou com uma viúva em seus 26 anos (1857). Nas versões publicadas, existe um certo «A. —» que requer “quelques vigoureux matelots pour lacer et serrer convenablement [les] corsets... et... si [les] actrices de votre théâtre ont l'intention de garder leurs culottes”³¹

d'Hervé et de Lanoye»³² (41). Esta é a única indicação direta de uma fonte francesa no romance. Verificando o livro com esse título, publicado em 1854, vemos que possui alguns extratos de *Dèuxieme voyage arctique*³³ de Parry, que propriamente cita a *Gazette de la Géorgie du Nord*, periódico publicado a bordo de seu barco em pleno inverno³⁴. A importância para a compreensão de Hatteras reside no fato de que a tradução de Parry citada por Verne é idêntica, palavra por palavra, a que aparece em Hervé e Lanoye (pp. 84-86). Está claro então que o romancista não inventou a viúva nem tampouco os extratos que citou. Por outro lado, não duvidou em copiar a tradução em mais de mil palavras, o maior plágio já identificado em suas obras até nossos dias.

O manuscrito possui catorze linhas riscadas que descrevem as observações do Dr. Clawbonny sobre o frio do pólo, que lhe provoca uma queimadura das pálpebras. Regressa ao navio para compartilhar suas idéias com Hatteras, que mostra, sem muita cortesia, seu desinteresse por tais questões. (I XXVI 169).

O livro contém uma mensagem incompleta e na edição in-8° está dotado de uma pontuação estranha: «Altam..., Porpoise, 13 déc... 1860, 12.° long... 8.° 35' lat...»³⁵ (I XXX 197). Podemos entender esta posição como 12x° O, 8x° N, suposição confirmada até que o veleiro chegue à «latitude... 83° 45' 35' et... longitude 120° 15'»³⁶ (II V 23). O manuscrito, quanto a isso, contém: “Altamont, du brig le *Porpoise*, 19 Décembre 1863, 79° 15' de



Fotocópia da página 83 do capítulo II, onde se descreve a briga entre Altamont e Hatteras.

(41). No manuscrito é denominado «Abigail Bonnatout A. B.» (42) e essa mesma passagem contém uma nota importante: «Voyage au pôle arctique

29 Entre as outras mudanças: «mercadores» (I I 1) no lugar de «comerciantes»; «6 5 de abril» (1); «80 cavalos» (1) no lugar de «120»; «de qualquer tonelagem, forma e nacionalidade» (1); «os mostrou esta carta, que não havia tocado» (IX 56) ; «o Porpoise o Halifax» (XII 84); o Farewell espera o paralelo «oitenta» (85) no lugar de «septuagésimo sétimo» e outras diversas mudanças estilísticas.

30 viúva de vinte e seis anos.

31 “alguns vigorosos marinheiros para atar e laçar convenientemente [os] corpetes... e... as atrizes de vosso teatro têm a intenção de cuidar de suas calças”.

21 O Pavilhão Inglês.
22 Lição de cosmografia polar.
23 O monte Hatteras
24 O regresso / O “Hans Christien”.
25 Regresso ao Sul.
26 Conclusão.
27 O Foreward.
28 Sem dúvida, o *Nautical Magazine* (1832-1899).

32 A informação foi fornecida amavelmente por Volker Dehs.
33 Segunda Viagem Ártica.
34 Ver *The adventures of Captain Hatteras*, editado por William Butcher, p. 390.
35 Altam..., Porpoise, 13 de dezembro... 1860, 12.° longitude... 8.° 35' latitude...
36 latitude... 83° 45' 35' y... longitude 120°

latitude, 91° 37' de longitude³⁷ (I XXX 197) com um grande «?» editorial na margem para assinalar o «1863» errado³⁸. Não apenas se dão as coordenadas exatas como se rompe o suspense pois o navio americano, que só alcança o 79° N, não havia feito constar registro para o norte. Por outro lado, o «91°» indica que talvez houvesse navegado pela via de Smith Sound.

Rivalidade anglo-americana

Gostaria agora de mudar de tema para chegar de forma mais segura ao lugar desejado, o buraco no centro do mar (polar, naturalmente). Na sua carta final, em resposta a uma agressiva missiva editorial, Verne menciona um duelo em Hatteras, mas aceita suprimi-lo de “golpes e pancadas” (25 de Abril de 64). Os estudiosos supuseram que esse duelo desaparecido terá tido lugar na costa setentrional da Nova América, na véspera do embarque para o Pólo Norte. Mas tal conjectura demonstra um desconhecimento das regras do duelo que exige um terreno neutro.

A chave do mistério encontra-se no capítulo com o atractivo título, já mencionado «John Bull et Jonathan». Como na versão publicada, Hatteras sonha com o seu passado, para regressar imediatamente ao futuro e ao Pólo, onde já se vê a navegar o símbolo britânico (II XXI 83). No manuscrito, Altamont é quem tem a guarda no momento da navegação, com direcção ao norte, e acorda durante a noite para assegurar-se que o americano segue na embarcação. A partir desse momento, a historia é inédita. Encontramos Hatteras na continuação do seu sono:

A sua percepção tornou-se tão viva, que jurou escutar a flutuar por cima de sua cabeça; parecia-lhe que

o vento jogava nas suas oscilações. Acordou e abriu os olhos.

Não se enganou. Uma bandeira balanceava-se em cima do mastro do barco, uma bandeira vermelha com as vinte e duas estrelas sobre a sua tira azul, a bandeira americana!

Hatteras emitiu um terrível grito. Os seus companheiros acordaram.

— Miserável! -gritou o capitão, dirigindo-se ao americano.

E com um rápido gesto, cortou a corda da bandeira que caiu.

Altamont queria lançar-se a ele, mas Johnson e Bell retiveram-no.

— Hatteras, ponha-se em posição - disse Altamont com uma voz atadora.

— Ponha-se em posição, ~~voce também~~ coração cobarde - respondeu o capitão. Sim, porque aproveitastes o meu sono para abrigarmos uma bandeira estrangeira!

— Estrangeiro! Sou americano!

— E nós?

— Vós! Estais em meu domínio! Este bote, como os restos do meu navio, é meu!

— Sim -gritou Hatteras. Tem razão. Este bote pertence-vos Ah... dê-me... um remo, um pedaço de madeira, um pedaço de gelo com que possa abandonar estas costas malditas.

Hatteras teria-se lançado ao mar se o doutor não o tivesse detido.

— Altamont -disse este último - esqueceste que nós vos salvamos a vida. Apenas Hatteras manda aqui.

— Clawbonny -respondeu Altamont-, o momento de me explicar chegou, finalmente. Escutei-me, vocês também, Johnson e Bell. Vós também, Hatteras! Acreditam quando vos digo que não tinha imaginado o propósito de vossa viagem pelos mares polares? Preparastes um barco em Inglaterra, e outro nos Estados Unidos! Zarpastes dos mares boreais. Eu também! Chegastes mais além do limite das terras conhecidas. Igual a mim. Quereis ir ainda mais além. Também me ocorre a mim. Pretendeis descobrir o Pólo Norte. Pois bem, eu também.

Com estas palavras, os três companheiros e Hatteras levantaram-se de comum acordo.

— Nunca -exclamaram.

— Nunca! -disse Hatteras com cer-

ta violência. Os ingleses descobriram o Pólo magnético com James Ross, descobrirão o Pólo Norte com Hatteras.

— Os meus direitos valem tanto como os vossos - respondeu o americano.

— Não! Não! -disseram Johnson e Bell.

— Basta -retomou friamente a palavra Hatteras dirigindo-se aos dois marinheiros. Este homem está em sua casa. Enquanto não levamos o bote, pretendo dizer, e não me esqueci, que um de nós está a mais nesta latitude!

— Às vossas ordens! -respondeu Altamont.

— Meus amigos, meus amigos -expressou o doutor. Ameaças de morte! Só falta que estas novas regiões, apenas tocada pelos pés dos homens, seja agora inundada com o vosso sangue! Desejais trazer a este país os ódios e rivalidades do Velho Mundo!

— Clawbonny -respondeu Hatteras-, este homem não pousará o seu pé à minha frente sobre um continente xxx.

— Veremos -[ripostou] o americano.

— É um assunto de vida ou morte!

— Meus amigos -disse o doutor, que não sabia já como fazer-se entender.

— Mas aqui, estais no seu território -disse Hatteras-, vossa embarcação vos protege. Não tens nada que temer.

— Nem aqui nem em nenhum lugar -respondeu Altamont.

— Parem! -gritou o doutor - Parem! Hatteras, jura-me...

— Juro-vos, Clawbonny, que me debatarei apenas quando sentir um terreno neutro debaixo dos meus pés e não sobre solos americanos

— Pois bem, a terra então! -respondeu Altamont.

— Sim! A terra! -disse Hatteras com um sorriso singular.

O doutor falou, mas não o escutaram. Todas as palavras do seu coração foram vagas, os seus argumentos inúteis. Tinha lidado com duas almas ulceradas e odiosas, dois homens, estrangeiros no seu país. Esta união moral entre Inglaterra e Estados Unidos que pediam era impossível.

37 Altamont, do veleiro “Porpoise”, 19 de dezembro de 1863, 79° 15' de latitude, 91° 37' de longitude.

38 Outro erro: «este funesto ano de 1863 1860» (I XXVII 177).

Os dois rivais nada disseram.

Não obstante, o doutor esteve seguro momentaneamente pela resolução de Hatteras de ir a um terreno neutro para [esclarecer] os seus direitos. Daqui lá qualquer acontecimento imprevisto poderia modificar a situação; quem sabe se não descobriam terra; quem sabe também se não pudessem chegar ao octogésimo segundo grau de latitude.

Esperou então, com risco de intervir uma última vez.

Hatteras tinha tomado o seu lugar no bote, [imperturbável] como sempre. Altamont, também calmo, no deixava de mostrar na sua cara um ar provocativo, [estando] ele só contra quatro, parecia decidido a não retroceder.

Não havia então nada que dizer, nada que fazer até ao momento onde esta infeliz questão se decidirá. Reinou um profundo silêncio (83-84).

Logo depois destas duas folhas, o texto é similar ao da versão publicada. Retomamos o manuscrito mais adiante no mesmo capítulo, quando se avista um vulcão, o que provoca uma discussão em relação à existência de actividade ígnea tão perto do Pólo:

— E porque não? -disse o doutor, - não é por acaso a Islândia uma terra vulcânica?

— Sim! Islândia! Mas tão perto do Pólo!

— E o nosso ilustre compatriota, o comodoro James Ross [anteriormente], não constatou a existência de enormes montes de lava em plena actividade nos cento e setenta graus de longitude e setenta e oito graus de latitude? Porque não existirão então vulcões no Pólo Norte?

— É [necessário] sem dúvida pedir a autorização ao presidente dos Estados Unidos -disse Hatteras.

— Oh! -se apressou a exclamar o doutor, - vejo-o perfeitamente. É um vulcão!

— Bem -disse Hatteras, vamos para lá (86).

Durante o sono dos seus companheiros, é Hatteras que toma o bote, e mais tarde Altamont acorda. Explica que apenas um só homem poderá ser

o primeiro a por o pé sobre o novo continente. Mesmo quando se desculpa duas vezes por ter chamado ao seu semelhante um «cobarde», a sua tentativa de reconciliação falha. Um duelo torna-se inevitável, mas, visto o problema da precedência, não se pode elucidar na terra. Os dois homens decidem confrontar-se em pleno mar, sobre um bloco de gelo.

Hatteras permaneceu no bote. Estava contente de estar sozinho. Respirava a brisa que vinha até ele depois de ter acariciado esta nova terra.

Às dez da noite, quando estava seguro no topo do vulcão, olhou em seu redor, fixou-se num objecto apenas visível no mar, afinou seu ouvido, e pousou a capa no chão.

Ao fim de alguns instantes, dirigiu-se ao americano e tocou-lhe ligeiramente no ombro.

— Altamont - disse em voz baixa.

— Eh! - exclamou este último despertando-se e retomando rapidamente os seus sentidos como um marinheiro habituado aos despertares bruscos.

— Silêncio -respondeu Hatteras, fazendo sinal para não fazer barulho -, não acordeis ninguém e escutai-me.

— Que quereis dizer-me?

— A terra está à vista -respondeu Hatteras-. Só um de nós deve chegar a ela.

— Essa é minha opinião - respondeu o americano.

— Bem -respondeu o capitão -. Falei mal de vós, chamei-o de cobarde. Não sois um cobarde porque estais aqui!

— Oh! Pouco me importa vossas apreciações -respondeu Altamont com desdém.

— Seja como fôr, eu o ofendi.

— Mas, onde quereis chegar? -perguntou Altamont.

— A isto -disse Hatteras-, que [vos] estimo Altamont, e que vós me estimais também, e que aqui entre nós, o assunto não é de homens mas sim de nações. ~~Estou seguro, Altamont, que [me] estimais também, mas a nacionalidade acima de tudo.~~

Hatteras fez silêncio por um instante, enquanto que Altamont o consentia com um gesto cheio de respeito.

— Não quereis ceder-me a honra

da primeira posse deste novo continente?

— Não, Hatteras.

— No vosso lugar, Altamont, o negaria igualmente.

— Então?

— Então, a sorte das armas o decidirá.

— Quando estivermos em terra.

— Ah, não -replicou Hatteras. Não. Um de nós colocaria o pé à frente do outro e o assunto estaria resolvido em vez de estar suspenso.

— Não, não na terra.

— Aqui então?

— Nem mais.

— Não vejo nenhum lugar - disse o americano olhando em seu redor.

— Ali -disse Hatteras, apontando para um ponto no oceano.

— Ali! Num bloco de gelo! -respondeu o americano.

— Sim! Um bloco de gelo no meio do mar! Um terreno neutro!

— ~~As vossas ordens xxx~~ -respondeu Altamont.

— Posso xxx levar o bote para lá.

— Certo.

— Quem sobreviver poderá apanhá-lo a nado.

— Sim -[disse] Hatteras.

— Aquele que sucumbir terá o mar por túmulo.

— Um túmulo digno seja para quem for..

— Silêncio, agora, e que os nossos companheiros [não se deram conta] quando acordarem ~~o capitão xxx~~ deve mandar.

Os dois [capitães] calaram-se; permaneceram imóveis, e pondo o bote a favor do vento, Hatteras dirigiu-o para o bloco de gelo situado a menos de cem toesas (86-87).

Neste final do capítulo, chega o momento em que os rivais, mantendo-se corteses e precavidos, aprestam a bater-se em duelo até que a morte se suceda ●

A segunda parte deste artigo aparecerá na próxima edição de Mundo Verne, em Janeiro de 2008. A sua tradução, directamente do francês, esteve a cargo de Ariel Pérez. Obrigado a Butcher por nos permitir a sua publicação

Jean-Michel em seu tempo

Ariel Pérez



Possui a maior coleção sobre Jules Verne do mundo. É um dos maiores conhecedores da matéria e se mantém, desde que o contatei pela primeira vez, uma excelente pessoa, sempre disposto a ajudar e expandir o conhecimento de seu escritor favorito entre todos os vernianos. Ele é Jean-Michel Margot, nascido em 4 de outubro de 1937 em Winterthur, Suíça.

Viveu em sua cidade natal até os onze anos, quando seus pais se mudaram para a Suíça francesa, na região de Neuchâtel. Ali terminou a escola primária, fez a secundária e obteve diploma em bacharel em "Letras Greco-Latinas". Depois, passa a estudar na Universidade de Neuchâtel, onde obtém menção em Geologia. Passa a ensinar Física e Ciências Naturais durante 4 anos na Escola Secundária de Cernier. Com a esperança de ir Moçambique, vai para Lisboa onde, 2 anos depois, obtém bacharelado em Português. Em 1969, começa a trabalhar na sucursal da IBM na Suíça, onde permaneceu por 30 anos como programador e analista de sistemas para os computadores de terceira geração. Foi na qualidade de professor que chegou à Carolina do Norte, Estados Unidos, no centro mundial da IBM no que concerne a rede de computadores, para ministrar cursos nos centros de formação de sua empresa.

Ainda que tenha escrito em 1973 seu primeiro artigo sobre o escritor no boletim da Sociedade Jules Verne de Paris, 27 anos depois, com a chegada do novo milênio, é que decidiu-se a deixar a vida empresarial e dedicar todo o seu tempo a escrever sobre Verne. A ele devemos a publicação de mais de 50 artigos e 3 livros-chave na pesquisa verniana.

O primeiro, escrito no final dos anos 80, é uma bibliografia documental dos artigos, livros e estudos escritos até este momento, coleção que hoje em dia alcança a cifra de 10 mil itens. *Entretiens avec Jules Verne*, de 1998, é outro material imprescindível para todo verniano. Ali estão mais de 30 entrevistas feitas com o autor gaulês durante mais de 30 anos. Mais recentemente, há 3 anos, Margot teve por bem publicar outra interessante compilação, que se tratou, nessa ocasião, de *Jules Verne en son temps*, com resenhas que tratam de dezenas de artigos que apareceram durante a vida de Jules e que mostram como, do autor vitorioso, pouco a pouco foi crescendo a lenda de escritor para crianças e de pai da ficção-científica. Cada texto está apoiado por comentários e notas que somam mais de 460.

Mundo Verne foi a Jean-Michel, que acaba de experimentar este ano como 7 décadas de vida passaram por seu corpo e alma, para perguntar-lhe sobre a paixão pelo escritor, seu trabalho de pesquisa no tema e à frente da Sociedade Norte-americana e sobre seus planos futuros.

Quando e como descobriu Jules Verne?

Como todos os meninos de minha idade, lendo os volumes da *Bibliothèque verte*.

Por que essa paixão pelo ilustre filho de Nantes?

Com a idade de 16 anos, em 1953, tive a ocasião de ouvir uma conferência de Bernard Frank sobre Jules Verne. Frank havia escrito uma biografia do escritor e o havia conhecido em sua infância. Bernard Frank era o pseudônimo do comandante Poulaille, oficial da marinha francesa. Frank era um apresentador capaz de entusiasmar seu público, como o diriam mais tarde Alain Decaux e Alain Bombard na televisão francesa.

Como qualificaria a relação que tem com esse autor e sua obra?

Depois da conferência de Bernard Frank, procurei as obras de Verne para as conhecer e ler. Depois, quis saber mais sobre o novelista, e comecei a buscar todos os documentos (artigos, prefácios, teses, biografias, estudos literários) escritos sobre ele e a colecioná-los. Depois de 50 anos de investigação eu havia reunido mais de 10 mil documentos sobre Jules Verne e sua obra. Para beneficiar outros pesquisadores e entusiastas, publiquei em 1989 minha bibliografia documental sobre Jules Verne, que contém 4.444 referências e que representava tudo o que eu havia reunido até aquele momento. Continuo atualizando minha bibliografia que deve estar disponível num futuro próximo em CD-Rom ou, melhor ainda, on-line via internet.

Quais são os livros de Verne que prefere?

Meu preferido é *A Jangada*. Não há elementos de ficção-científica neste romance, mas representa muitas coisas para mim. Combina de maneira exemplar os dois elementos que compõem uma novela verniana: um itinerário de iniciação

sobre uma geografia existente e uma aventura. O propósito do autor era representar a Geografia, a História e as Ciências à família francesa da segunda metade do século XIX. Em *A Jangada*, o itinerário é a descida da correnteza amazônica, de sua fonte à sua desembocadura, e a aventura é a solução de um criptograma para demonstrar a inocência do acusado de um crime. A viagem foi inspirada por nosso compatriota Louis Agassiz, que publicou em 1869 sua *Voyage au Brésil*. O enredo tem influências de Edgar Allan Poe.

O senhor os relê regularmente?

Sim, em particular *Os Irmãos Kip*, que traduzi para o inglês em 2007 e vai ser publicado nos Estados Unidos pela *Wesleyan University Press*, que me pediu atualizar as notas acompanhadas de um prefácio que apresentará o romance.

Qual é a adaptação cinematográfica de suas obras que o senhor prefere?

L'invention diabolique do tcheco Karel Zeman. O filme se inspira em *Diante da Bandeira*, e foi realizado em preto-e-branco com atores que se movem sobre cenários que es-

tão muito próximos das gravuras da época de Jules. É neste filme onde melhor se encontra a magia própria dos romances vernianos, cheios de sonho e imaginação.

Jules Verne é o principal motivador de sua paixão pela ficção-científica?

Não creio. Jules Verne não é um autor de ficção-científica, como foram Isaac Asimov ou Philip K. Dick. Pierre Versins disse, de forma correta, que havia algo do gênero em seus romances, mas que nenhum deles estava totalmente dentro desse campo. A maior parte de sua obra não possui elementos de ficção-científica, mas é evidente que a figura de Nemo ao timão do *Nautilus* ou os 3 passageiros da bala cilindro-cônica com destino à Lua são histórias clássicas do tema. Não se trata de abrir polêmica, mas sim de constatar que Verne era antes de tudo um novelista muito moderno quanto ao estilo e estrutura de suas obras, bem como um autor dramático cujas peças lhe trouxeram fama e fortuna, utilizando os truques e as máquinas para atrair a atenção do leitor, de forma que hoje seria considerado como um dos precursor-

res da moderna ficção-científica.

Quais são seus escritores favoritos e porquê?

Em primeiro lugar, Anna Jean Mayhew, porque é minha esposa e escreve de forma maravilhosa. Depois, entre os portugueses (vivi dois anos em Lisboa), José Maria de Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e Miguel Torga. Entre os francófonos, minhas preferências são Hugo, Gautier, Jarry, Robida e Ramuz. Entre os anglosaxões, gosto muito dos contemporâneos John McPhee e Lee Smith. Na ficção-científica, releio com prazer Asimov. E gostaria ainda de adicionar um nome, o do espanhol Miguel Serveto.

O senhor é o presidente da "Sociedade Norte-americana Jules Verne". Quais têm sido as satisfações e insatisfações que lhe trazem essa oportunidade?

Entre as satisfações está, sem dúvidas, a de trabalhar com os pioneiros da reabilitação verniana nos estados Unidos, onde é considerado um autor para crianças e pai da ficção-científica. Trabalhamos para mostrá-lo como um escritor de múltiplas facetas. Insatisfações são poucas, como enfrentar permanentemente a ignorância e a arrogância característica da maioria dos locais...

Fale um pouco sobre a base de dados de mais de 10.000 itens que conserva e qual será seu destino?

Depois de ter colecionado e estudado Verne durante mais de 50 anos (acabo de fazer 70), decidi encontrar um meio para que minha coleção se conserve depois da minha morte, com as condições de não dar, vender ou jogar fora nada, mantendo-a integralmente em sua totalidade. Como é a mais importante sobre Verne em todo o mundo, pensei que poderia disponibilizá-la na Internet para os pesquisadores do mundo inteiro e continuar enriquecendo-a com novas adições. Primeiramente pensei em deixá-la nos EUA, porém nenhum

Livros publicados por Jean-Michel Margot



Bibliographie documentaire sur Jules Verne, publicado em três edições em 1978, 1982 e 1989 sendo esta última a mais completa de todas com mais de 4.000 referências a livros, artigos, estudos e teses sobre o autor. *Entretiens avec Jules Verne 1873-1905*, de 1998, compilação de entrevistas, realizada junto a Daniel Compère. *Jules Verne en son temps* de 2004, uma compilação de artigos contemporâneos à época do escritor

dos bibliotecários com os quais falei mostrou interesse pelo autor. Além disso, as bibliotecas americanas organizam a cada ano vendas de livros que seus responsáveis considerem velhos, sem interesse ou pouco procurados. Isto é um verdadeiro crime cultural, como ocorreu com o Museu de Bagdá há alguns anos. Então decidi doar minha coleção à cidade de Yvedon-les-Bains, na Suíça, onde será conservada intacta, será mantida e enriquecida e, sobretudo, será posta a disposição dos pesquisadores através do site da *Maison d'Ailleurs* (<http://www.ailleurs.ch>), único museu público de ficção-científica em todo o mundo. A transferência ocorrerá em fins de março ou início de abril de 2008. A inauguração será no final do mês de setembro do próximo ano. A *Maison d'Ailleurs* possui um autógrafo de Jules, que me pertence e que viajou a bordo do *Spaceship One*, o que permitiu ganhar o prêmio X. Isto só foi possível graças a Patrick Gyger, curador da *Maison d'Ailleurs* e do aventureiro milionário Steve Fossett. Depois do êxito do voo, Fossett devolveu o autógrafo ao museu, onde permanece bem guardado.

Por que fazer a doação de sua coleção a *Maison d'Ailleurs*?

As relações que eu e minha família temos desde há muito tempo com o Norte, fizeram com que, de uma forma muito natural, pensasse na municipalidade de Yverdon e na *Maison d'Ailleurs* para ali deixar minha coleção. Como se dizem em muitos lugares: Que melhor lugar para escapar do que uma antiga prisão!

Quais são seus projetos para o futuro no que concerne a publicação de artigos ou livros sobre o autor?

Depois de 2008 penso em continuar meu trabalho com Verne, mas de maneira mais lenta. Tenho projetada uma edição crítica em francês de *Os Irmãos Kip* (um volume que contém o texto do manuscrito, da revista e dos

volumes in-18 e in-8).

Qual foi seu maior momento de satisfação pessoal desde que está no mundo verniano?

Cada instante consagrado a Verne é um instante de satisfação. Todos são grandes.

Na sua opinião, o que pode interessar, de Verne, aos leitores do século XXI?

Simplesmente porque é um escritor de grande talento, muito moderno por sua escrita e pela estrutura de seus textos. Avançado em seu tempo, precursor, sim, mas em Literatura, por seu estilo e sua construção novelística.



Como vê o futuro de Verne no mundo? Ele será lido dentro de, digamos, 50 ou 100 anos?

O futuro de Verne no mundo é claro: cada vez mais existem dois Vernes que não tem nada a ver um com o outro. Um é um ícone: o nome do escritor evoca os submarinos, as inovações, invenções e aventuras extraordinárias quaisquer que sejam. É a produção atual de Hollywood, por exemplo. É o *Troféu Jules Verne* para a volta ao mundo em barcos a vela. É nomear o satélite artificial da Agência Espacial Européia, *Jules Verne*. Tudo isso alimenta a imaginação popular e continuará fazendo o deleite dos colecionadores. O outro Verne é o verdadeiro, o escritor, o homem, ele que figura como o criador do romance de aventuras geográficas no seio da Literatura francesa. E é desse que nos ocupamos e dele procuramos difundir as obras, completas, integrais

ou adaptadas e traduzidas o mais fielmente possível. Estes dois Vernes ainda eram confundidos até 20 anos atrás, mas desde 2005, a diferença se vai fazendo maior.

Como avalia a difusão de Jules Verne no mundo iberoamericano?

Para mim, o mundo iberoamericano compreende todas as regiões do mundo onde se lê e se fala o português, além de todas as regiões onde o espanhol é o idioma predominante. Como estive em Portugal muitos anos, possuo mais volumes de Verne em português do que em espanhol. Por isso peço aos leitores em espanhol que me perdoem. Os vernianos hispânicos têm como tarefa a mesma de todos os outros do mundo: assegurar que as traduções de Verne em espanhol e português sejam completas e as melhores possíveis, promover essas traduções em seus países e estudar Jules Verne e sua obra especialmente em relação a estas regiões, os personagens de seus romances e as viagens do autor a esses países.

Tem lido as recentes traduções espanholas ou portuguesas dos textos inéditos de Verne? Se tem feito, considera que são boas e fiéis aos textos originais?

As traduções portuguesas são excelentes, porque David Corazzi, o editor do século XIX, entregou-as a escritores de talento que formavam parte da Literatura portuguesa. A cultura francesa está muito presente em Portugal, o que facilita as coisas. É evidente que uma tradução em espanhol ou português (ou italiano, por exemplo) tem maiores possibilidades de ficar com maior qualidade do que uma alemã ou inglesa, devido ao fato de que todas essas línguas derivam da mesma raiz latina.

Por favor, envie uma mensagem aos leitores da revista *MV*.

Simplesmente lhes desejo tanto prazer para ler, estudar e publicar nosso autor como tenho tido eu mesmo ●

Pierre Jean - Capítulo 2

Tradução: Estela dos Santos Abreu

Os condenados não deviam voltar ao trabalho antes de uma meia hora. O Sr. Bemardon aproveitou essa ausência para passear pelo cais, examinar à conformação do porto, os navios protegidos nos estaleiros cobertos, as imensas carcaças encurraladas nas bacias de querena, as pesadas peças fundidas, amontoadas sob os guindastes; mas concedia apenas uma vaga atenção a essas maravilhas da indústria. Com certeza buscava pormenores do cotidiano dos condenados, porque, ao aproximar-se de um ajudante, perguntou:

- A que horas os presos devem voltar ao porto? - À uma hora - respondeu o guarda.

- Todos têm de fazer o mesmo trabalho?

- Não; sob a direção de diversos contramestres, há os que estão em atividades especiais: nas oficinas de serralharia, cordoaria e fundição, que exigem prática, encontram-se excelentes operários.

- Quanto recebem?

- Depende; trabalham por dia ou por tarefa: a jornada pode render-lhes entre cinco e vinte centavos; a tarefa, de acordo com a habilidade e rapidez, pode render até trinta.

- Essa magra quantia - perguntou o marselhês com interesse pode melhorar-lhes a sorte?

- É o suficiente para comprar tabaco, porque, embora proibido, esse vício é tolerado; por alguns centavos também podem conseguir um pouco de ensopado ou de legumes.

- Os condenados à prisão perpétua e os outros presos recebem a mesma paga?

- O pagamento é igual para todos, mas estes últimos têm um terço adicional que é acumulado até a expiração da pena; nessa ocasião,

recebem o montante, a fim de não partirem sem nenhum recurso.

- Sei - disse o Sr. Bemardon, dando um longo suspiro.

- Ora, senhor - continuou o ajudante -, eles não sofrem tanto assim e, se não praticassem infrações nem tentassem fugir - o que significa mais punições -, viveriam melhor do que muitos operários da cidade!

Aquele homem, habituado ao espetáculo da dor, achava que isso era o bem-estar!

- Quer dizer então que o aumento da pena - perguntou o marselhês com a voz alterada - não é a única punição que recebem se tentarem a fuga?

- Não! Existem a bastonada e a corrente dupla!

- A bastonada? - repetiu o Sr. Bemardon.

- É; são de quinze a sessenta vergastadas nas costas, com uma corda untada de breu.

- Não há nenhuma possibilidade de fuga para o condenado preso à corrente dupla?

- Praticamente não - respondeu o ajudante. - Esses presos ficam acorrentados ao pé do próprio banco e nunca saem. Por isso, a fuga é muito difícil!

- Ah! Então é enquanto trabalham que tentam fugir?

- Decerto! Os pares, embora vigiados pelo carcereiro, têm um pouco de liberdade necessária à tarefa e são tão espertos que, apesar da estrita vigilância, em menos de cinco minutos serram a corrente, por mais forte que seja. Quando a chaveta¹ incrustada na cavilha móvel é muito dura, eles deixam o aro preso na perna e conseguem limar o primeiro elo do grilhão. Muitos prisioneiros trabalham nas oficinas

1 Palmeta achatada que serve para imobilizar a cavilha.

de serralharia, onde encontram, com facilidade, o material adequado para isso; às vezes basta a placa de lata em que cada um traz marcado o seu número. Se conseguem uma mola de relógio, o canhão de alarme logo será ouvido! Enfim, inventam mil expedientes, e certa vez um condenado vendeu vinte e dois segredos desses para escapar à bastonada!

- Mas onde eles conseguem esconder as ferramentas?

- Em tudo que é canto. Um preso chegou a fazer cortes no sovaço para enfiar lascas de aço entre a pele e a carne. Há pouco tempo confisquei de um condenado um cesto de palha cuja trama continha minúsculas limas e serrinhas! Nada é impossível, senhor, a homens que se chamam Petit, Collonge ou conde de Santa Helena!

Nesse momento, deu uma hora; o ajudante cumprimentou o Sr. Bemardon e voltou a seu posto.

- Esperança e justiça! - pensou o negociante. - Mas se eu fracassar, meu Deus! A bastonada e a corrente dupla!

Os condenados estavam saindo das prisões, uns sozinhos, outros acorrentados dois a dois, sob a vigilância dos carcereiros. O porto encheu-se de vozes, do tilintar de ferros, de ameaças dos comitres². O Sr. Bemardon teve uma dolorosa impressão e, tentando não se mostrar muito pressuroso na visita aos infelizes, dirigiu-se para o parque de artilharia.

Lá viu afixado, como em todos os outros locais, o código da prisão:

Será punido com a pena capital todo condenado que agredir um guarda, matar um companheiro, se revoltar ou for causa de revolta. Será punido com três anos de duplas cor-

2 Oficial subalterno dos cárceres, encarregado da guarda dos presos.

rentes o condenado à prisão perpétua que tentar a fuga; será punido com mais três anos de pena qualquer preso que tiver cometido o mesmo crime, e a uma prolongação determinada em juízo todo preso que roubar quantia superior a cinco francos.

Será punido com a bastonada todo condenado que limar suas correntes ou usar de qualquer meio para fugir, que se servir de objetos de disfarce, que roubar quantia inferior a cinco francos, se embriagar, praticar jogos de azar, fumar no porto ou em outros locais, vender ou estragar a roupa, escrever sem permissão, estiver de posse de quantia superior a dez francos, agredir o colega, se recusar a trabalhar, demonstrar insubordinação.

O marselhês ficou pensativo após a leitura; despertou desse abatimento com a chegada dos galerianos. O porto fervilhava de atividade; o trabalho era distribuído em vários pontos. Os contramestres meio ébrios beravam:

- Dez pares para Saint-Mandrier³.
- Quinze meias⁴ na cordoaria!
- Vinte pares na mastreação!
- Reforço de seis vermelhos⁵ na bacia das docas!

Ao chamado, os pares dirigiam-se para os lugares designados, compelidos pelos insultos dos ajudantes e, mais ainda, pelos temíveis bastões. O marselhês observava com atenção e procurava sobretudo identificar o número dos presos. Uns atrelavam-se a carroças muito carregadas; outros transportavam aos ombros pesadas peças de carpintaria, empilhavam e arrumavam tábuas, ou rebocavam com a sirga⁶ os navios em desarmamento, e

tudo isso sob o sol escaldante.

Todos os prisioneiros usavam capote de aniagem, colete vermelho e calças cinzentas de brim grosso; os condenados à prisão perpétua traziam um gorro de lã verde e eram destinados aos trabalhos mais pesados, a não ser que tivessem aptidões específicas; os condenados sob vigilância por causa de seus instintos perversos ou de tentativas de fuga tinham de usar o gorro verde de bainha vermelha. O gorro vermelho



indicava os outros grilhetas, e era sobre estes que o Sr. Bernardon lançava o olhar ansioso. No gorro havia uma placa de lata com o número de cada prisioneiro.

Alguns, acorrentados dois a dois, carregavam grilhões de oito a vinte e duas libras⁷; a corrente ia do pé até a cintura de um dos condenados, na qual estava presa, e continuava para ligar-se à cintura e ao pé do outro. Os infelizes se apelidavam com humor de *cavaleiros da guirlanda!* Os outros, isolados, só traziam um aro e uma meia corrente de nove a dez libras,

navios.

7 De quatro a onze quilos.

ou até um único aro, chamado de *meia*, que pesava de duas a quatro libras. Alguns galerianos mais perigosos tinham o pé preso numa palmatória, ferro temperado de modo especial e em forma de triângulo, cujas extremidades fixadas em volta da perna resistiam a qualquer esforço de ruptura.

O Sr. Bernardon, falando com os condenados e os carcereiros, percorreu todos os setores do porto. Às vezes vinha-lhe aos lábios uma pergunta, mas não ousava fazê-la; era evidente que procurava por um desses desgraçados, e uma febril impaciência o invadia.

Defrontava-se com aquele quadro pungente definido pelo direito e pela lei, no qual estava estampada a triste degradação das paixões humanas! Pois a fatalidade só havia encontrado tons sombrios na paleta do crime! Mas o inquieto visitante não pensava no grupo todo: no meio daquela multidão, procurava alguém que não esperava por ele!

Era o nº 2224; do nome e da família não lhe restava nada; estava ligado ao mundo apenas por algarismos infamantes que o classificavam numa casta vergonhosa - triste nome de batismo com que o cárcere adorna seus filhos!

A despeito da busca do Sr. Bernardon, o 2224 não aparecera. O negociante dirigiu-se então a um guarda e perguntou-lhe se esse número estava preso ou em algum outro lugar.

- Ele trabalha com a amarra⁸ na mastreação - foi a resposta. - Como é ele?

- Rapaz calmo, embora seja reincidente - respondeu o ajudante. - Se quer falar com ele, vá até a máquina de mastrear.

O Sr. Bernardon dirigiu-se rapidamente para lá e avistou o 2 224, que guarnecia uma das barras. O marselhês ficou a observá-lo, e logo a tristeza umedeceu-lhe os olhos ●

8 Máquina de suspensão, cujo eixo é vertical.

3 Península defronte à baía de Toulon.

4 *Meia*: o galeriano que tinha a perna cingida por um aro leve. (N. da T.)

5 Vermelho: o galeriano comum era obrigado a usar gorro vermelho. (N. da T.)

6 Corda que serve para rebocar os

Carta ao seu pai em Julho de 1848

Traducción: Ariel Pérez

Esta carta Jules escreveu ao seu pai e começa justificando em detalhes a razão de seus gastos. Depois fala das revoltas populares e o complexo panorama político da época. Termina falando de algo familiar onde pede ao seu pai uma opinião e dá detalhes exatos de um exame próximo de Direito.

Segunda-feira 17 de julho de 1848

Meu querido pai,

Não se preocupe por minha visita ao senhor Sr. Perretton, eu não o encontrei quando fui à sua casa mas outra pessoa da administração, que creio ser seu irmão, em todo caso, me deu o dinheiro da forma mais gentil do mundo, de maneira que a ausência do Sr. Perretton, que verei me breve, não constituiu obstáculo algum para o pagamento.

Com relação ao valor fixado, no total de 410 francos, feitas algumas retificações ao seu cálculo, vemos que não é excessivo:

:

| | |
|--------|-------------|
| 2 f 50 | Alimentação |
| 30 | Dias |
| 75 | f |
| 40 f | Habitação |
| 115 | |
| 100 | Viagem |
| 215 | |

Sobram então, 195 francos para o exame e gastos imprevistos. Pois bem, a prova e inscrição são 165 francos. Sobram apenas 30 francos para higiene, enviar cartas, mensageiros e tudo mais. A soma está correta, mas também é verdade que não pretendo desperdiçar. Afinal, tudo isso não deve ser uma questão de cifras, mas de confiança. É assim que a entendo e espero que a contabilidade mensal assim prove.

Vejo que têm havido temores na província. Tem mais medo aqui do que temos em Paris! A famosa jornada do 14 de Julho ocorreu sem problemas e é ao 24 que se atribui agora o incêndio de Paris, o que não impede a cidade de estar tão animada de costume. Visitei os diversos pontos dos motins, as ruas St. Jacques, St. Martin, St. Antoine, a pequena ponte, o belo jardim. Vi as casas cheias de buracos de balas. Através dessas

ruas, se pode seguir a pista das balas que destroçaram e arrasaram varandas, insígnias e fachadas. É um espetáculo aterrador que, não obstante, torna ainda mais incompreensíveis esses assaltos às ruas! No mais, quase não posso dar-lhe detalhes a respeito. Os jornais já disseram tudo o que havia a dizer.

No último domingo, fui com Henri fazer a visita aos senhores Fournier e Favreau. Henri os conhece há muito tempo. Não encontramos nenhum dos dois. O Sr. Fournier havia saído e o Sr. Favreau estava em Montpellier com uma missão da Assembléia Nacional. De minha parte, fui ver o Sr. Braheire, que me recebeu amavelmente.

Um assunto muito delicado surgiu. Henri acha que, por uma questão de delicadeza, eu não devo passar um mês em Paris e não ir ver ao menos um dia ou dois a velha avó de Province. Segundo ele, seria conveniente que eu fosse, isto lhe causaria uma grande alegria e não se pode sem razão passar de um ano a outro sem fazê-la feliz. O que pensa meu querido pai? Não tenho nenhuma idéia a respeito. Se assim for, desejaria que esses 3 ou 4 dias fossem depois de passar na prova, porque minha presença em Paris para as formalidades do Direito pode ser necessária de uma hora para outra. Espero uma resposta sobre essa questão.

Hoje ou amanhã vou me inscrever. Lefevre, que é do meu curso e tem os mesmos professores do que eu, me deu todas as informações que necessito. Esta rapidez na inscrição me permitirá passar nos primeiros dias de agosto. Revisei a instrução criminal e o Código Penal. Agora me ocupo dos processos e terminar com o Código Civil. É o melhor que posso fazer. Adeus meu pai, escreva-me com mais frequência. Sua carta de 14 de Julho, eu a recebi no dia 16 pela manhã, rapidamente, portanto. Lembranças para a mamãe e minhas irmãs que beijo a cem léguas de distância. Saudações à família, e cuide sempre de Paul. Adeus. Teu filho que te abraça ●